



PAZ. - Mais uma vez, sinto uma profunda tristeza ao pensar na situação do nosso mundo. Ainda sabemos que o mundo está cheio de pequenos e grandes conflitos armados que custam a vida ou o bem-estar físico e mental de milhares de pessoas. E ainda é simplesmente inconcebível que nós, humanos, aparentemente não queiramos aprender nada com nossa história. Portanto, quero voltar ao versículo de Mateus 5:39:

“Se alguém lhe bater na face direita, ofereça-lhe também a outra”.

Uma sabedoria que nos irrita imediatamente. Por que tenho de sofrer a dor duas vezes e ser humilhado para alcançar a paz? - Não são poucos os que perguntarão qual é a utilidade disso. Não é diferente da sabedoria que os gregos antigos já haviam reconhecido, ou seja, a da

anistia. Lá, ela era prescrita por lei e executada em todas as suas consequências. O que isso significa?

O passado não pode ser desfeito, como todos nós sabemos por experiências muitas vezes dolorosas. O apelo e o desejo de vingança, retribuição e (suposta) justiça são fortes. Mas como podemos escapar dessa espiral de abuso, assassinato, homicídio culposos e violência mútua contínua? Esse é um dilema que tem atormentado a história da humanidade há milênios, e vemos o melhor exemplo disso nos acontecimentos no Oriente Médio. Guerra e sofrimento só levam a novas guerras e sofrimentos - um ciclo de horror aparentemente interminável.

Na Grécia antiga (há mais de 2.500 anos), reconheceu-se que uma folha nova e intocada deve ser virada no livro da vida. No entanto, isso só pode acontecer se nem tudo o que é antigo, “doloroso e prejudicial” continuar a ser um fardo. Portanto, o “esquecimento geral” - anistia - foi prescrito por lei. A violação ou o desrespeito a essa lei era punida com a pena de morte ou com a exclusão equivalente da sociedade (fora da lei = era deixado à própria sorte e declarado “fora da lei”), a mais alta de todas as punições. A anistia pode, portanto, ser vista como um tipo de esquecimento prescrito. Isso exige enorme coragem das pessoas em termos de grandeza e tolerância. Isso geralmente não é fácil. Mas somente por meio dessa dor é possível um novo começo e uma vida nova e compartilhada.

A fé cristã se vê como uma religião de paz. Mas qual é a contradição que vemos e lemos nas notícias diárias?

Hoje celebramos o primeiro domingo do Advento. O objetivo é comemorar a entrada de Jesus em Jerusalém. (Lucas 21:25-28, 34-36). O relato dessa entrada triunfal é um programa contrastante. Mas essas contradições nos mostram exemplos para aplicação em nossa própria vida. É a história de um rei que vem como um servo humilde em um jumento, não com vestes reais, mas com as roupas dos pobres e humildes. Jesus Cristo não veio como um rei terreno para conquistar pela força, mas com amor, graça, misericórdia e sacrifício por seu povo. Seu reino na Terra não tem exércitos, riquezas ou esplendor, mas humildade e servidão. Ele não conquista nações ou mercados; ele não quer governar ninguém. Não, ele convida e fala ao coração das pessoas; sua mensagem é de paz.

Toda paz sempre começa em pequena escala, dentro de nós mesmos, independentemente das circunstâncias externas. Toda paz começa ou termina quando os limites entre mim e meu próximo são ultrapassados. Se estivermos em conflito dentro de nós mesmos, isso geralmente se reflete em nossas palavras e ações. Mais cedo ou mais tarde, essa “guerra” interna leva a disputas externas. É por isso que é tão importante estar em paz consigo mesmo, para “funcionar sem problemas”. Não posso exigir dos outros o que não estou disposto a dar a mim mesmo.

O passo essencial para a paz interior é o perdão. Somente perdoadando os outros e a nós mesmos é que as emoções negativas podem ser superadas. Isso não significa que as ações ou os incidentes foram bons. Às vezes, apenas o esquecimento prescrito ajuda nesse caso. Então, fica claro o que Jesus quis dizer quando falou: “Se alguém lhe bater na face direita, ofereça também a outra”. Isso não é possível sem dor. É uma luta difícil, mas pode ser feita se ambos os lados tiverem um interesse sincero nisso. A paz começa com pequenos passos e gestos. É preciso muita empatia e criatividade para resolver conflitos, além de outros métodos não violentos. É um longo processo de aprendizado e requer maturidade emocional. Neste primeiro domingo do Advento, vamos trilhar juntos o caminho para uma paz compartilhada, vamos dar um pequeno exemplo juntos...

